

## Repositório ISCTE-IUL

---

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2019-02-27

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

André, P. (2018). Ainda Raul Lino e o bom senso. In Paula André (Ed.), *Celebrando A Nossa Casa (1918-2018) de Raul Lino*. (pp. 170-188). Lisboa: DINÂMIA'CET-IUL.

Further information on publisher's website:

--

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: André, P. (2018). Ainda Raul Lino e o bom senso. In Paula André (Ed.), *Celebrando A Nossa Casa (1918-2018) de Raul Lino*. (pp. 170-188). Lisboa: DINÂMIA'CET-IUL.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

### Use policy

---

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

---

## ***Ainda Raul Lino e o Bom Senso.***

**Paula André**

ISCTE-IUL; DINÂMIA'CET-IUL

[paula.andre@iscte-iul.pt](mailto:paula.andre@iscte-iul.pt)

### **Resumo**

Raul Lino impunha como primeira condição para a construção de uma casa a eleição do terreno a partir do qual se poderia começar a configurar a planta. Considerava que era através do modo como se disponham os espaços que a casa corresponderia perfeitamente à maneira de viver de quem a habitasse. O arquitecto Jorge Segurado refere-se à obra *A Nossa Casa* (1918), de Raul Lino como um livro importantíssimo na educação dos arquitectos, no capítulo da habitação, testemunhando que o tinha lido com avidez e bom proveito, e que a obra era entendida como revolucionária pelos mestres das Belas Artes. Raul Lino considerando que o bom senso era uma coisa positiva que deveria ser ministrado nas escolas primárias, no seu *Estudo de um Edifício de Apartamentos* (1954) materializa o seu projecto na lógica das circunstâncias e integra-o no terreno como verdadeira matriz da arquitectura.

### **Palavras-chave**

*A Nossa Casa*, Bom senso, Planta, *Edifício de Apartamentos*, Lugar

[o nome de Raul Lino] “está principalmente laureado como o de tratadista da casa portuguesa, estilo de construção cujo sentido habitacional ele conhece tão profundamente que consegue determinar-lhe as características de antanho, através, mesmo, do carácter gregário que se lhes relaciona, das condições de particularismo de cada uma das regiões, da natureza dos climas, na expressão dos gostos provinciais e dos sistemas de utilidade (...) Raul Lino elaborou duas interessantíssimas monografias de Arte «**A Nossa Casa**» com 3 edições de 1918 a 1920 e «**Casas Portuguesas**» editada em 1931 e com a 2ª edição no ano presente [1933]”<sup>1</sup>

“Voltamo-nos hoje para todas essas cousas com a saudade de um equilíbrio perdido: é um regresso ao **bom senso**, uma reacção no bom sentido após a longa época de indiferença ou insensibilidade estética”<sup>2</sup>.

“o **tradicional**, que também pode e devia ser sempre moderno, é o que se ajusta espontânea e instintivamente a certas noções, menos raciocinadas que sentimentais, fundadas ou inspiradas na **Natureza** e que estão na base de toda a actividade artística”<sup>3</sup>.

“(…) o carácter **nacional** reside no que o sentimento arquitectónico tem de inefável, no mistério das proporções, na índole das formas plásticas que o artista prefere naturalmente – tornando este advérbio na sua acepção primeira e integral”<sup>4</sup>.

“O sentimento da **nacionalidade** não passará de um dístico vasio enquanto o educando não tiver corrido, de olhos abertos, os montes da sua terra, aspirado o ar das suas terras, bebido água das suas fontes, cantado as suas canções populares ou visto bailar as suas gentes!”<sup>5</sup>.

## Introdução

Raul Lino (1879-1974) considerava que a casa portuguesa se tinha amoldado em todos “os tempos admiravelmente à nossa paisagem e à nossa maneira de ser”. Salientando que tanto “nas províncias do Norte, a construção granítica com sua varanda de madeira”, quer no Sul, o branco albornoz da cal deitado sobre as casas; no litoral ou na serra; no monte e à beira rio: a casa portuguesa, se nunca teve o conforto que caracteriza o *home* inglês, guarda no entanto sempre aspecto apropriado, convidativo e acolhedor; aconchega-nos à lareira do seu coração, abriga-nos sob a asa do seu alpendre; agasalha-nos, numa palavra, sob os seus telhados da linha suave e inconfundível”<sup>6</sup>.

<sup>1</sup> VIEIRA, Santos – Pela Urbanização condigna de Lisboa. O estilo da “casa portuguesa” na capital modernista de amanhã segundo os interessantes esclarecimentos que nos deu o arquitecto Raul Lino, in, **Diário de Lisboa**, 15 de Dezembro de 1933, p.3.

<sup>2</sup> LINO, Raul – **A Nossa Casa. Apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples**. [Lisboa]: Edição da ‘Atlantida’, [1918], p.16,17.

<sup>3</sup> LINO, Raul – Afinidades e analogias. **Diário de Notícias**. (12 de Janeiro, 1953).

<sup>4</sup> LINO, Raul – **Algumas considerações sobre a Arquitectura Alemã Contemporânea**. [Texto da entrevista concedida à Emissora Alemã de Ondas Curtas em Janeiro de 1941]. Coimbra: Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, 1942.

<sup>5</sup> LINO, Raul – Considerações sobre a estética nas escolas [estudo apresentado a convite da Sociedade de Estudos Pedagógicos, por ocasião da Exposição de «Arte na Escola», in, **Boletim Oficial do Ministério de Instrução Pública**, ano II, nº13/16, 1917, p. 8.

<sup>6</sup> LINO, Raul – **A Casa Portuguesa. Portugal, Exposição Portuguesa em Sevilha**. Lisboa: Escola Tipográfica, 1929.p.67,68.

Raul Lino em 1890 com 10 anos de idade partiu de Portugal para estudar no colégio católico *St. James Roman Catholic School*<sup>7</sup> nos arredores de Windsor, em Inglaterra, onde revelaria uma “prematura apetência na expressão plástica, que a conquista do primeiro prémio de mérito em desenho num exame de primeira classe”<sup>8</sup>, evidenciou.

Três anos depois seguiu para a Alemanha para estudar arquitectura, onde frequentou a Escola de Artes e Ofícios *Handwerker und Kunstgewerbeschule* (Hannover), a Escola Técnica *Technische Hochschule* e o atelier do filósofo, historiador e arquitecto Karl Albrecht Haupt (1852-1932), seu professor de Historia da Arquitectura na *Technische Hochschule*. Albrecht Haupt que recusava a ideia de uma “arte sem antecedentes”<sup>9</sup>, desenvolveu a sua tese de doutoramento sobre a Arquitectura Renascentista em Portugal, *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* (1890)<sup>10</sup>.

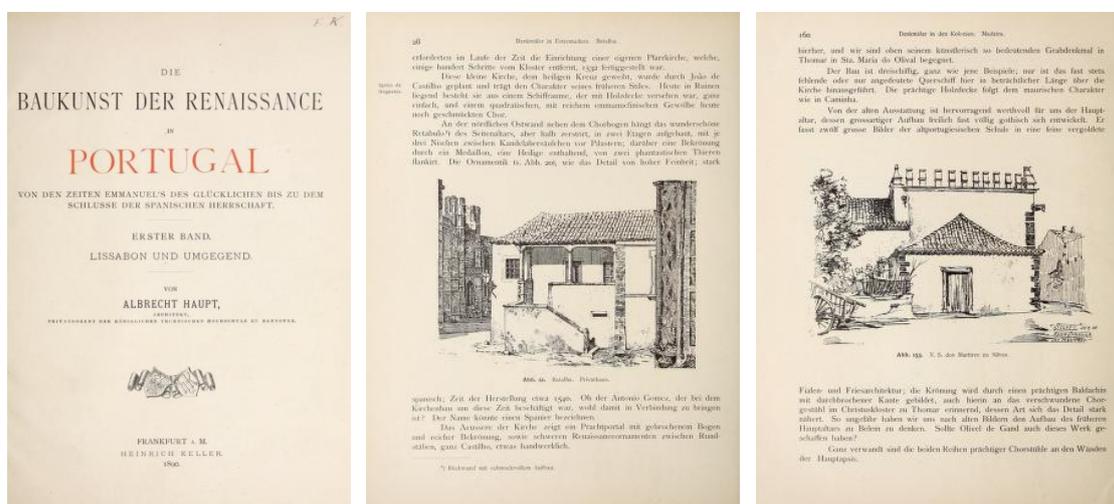


Figura 1 – Albrecht Haupt, *Die Baukunst der Renaissance in Portugal: von den Zeiten Emmanuel's des Glücklichen bis zu dem Schlusse der spanischen Herrschaft*. Frankfurt a. M.: H. Keller, 1890.

Para o seu trabalho académico, Albrecht Haupt tinha realizado uma viagem de estudo por Itália, Espanha e Portugal, registando detalhada e abundantemente essa experiência, prática que viria a exercer uma profunda influência no seu discípulo.

<sup>7</sup> PEREIRA, Paulo Alexandre Alves Barroso Manta – **Raul Lino – Arquitectura e Paisagem (1900-1948)**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2012. Tese Doutoramento. p. 87.

<sup>8</sup> «Roman Catacombs – Midsummer Examination, the first prize for merit in drawing, has been awarded to Raoul Lino in the first class, William Butt, Baylis House, 1892. Acessível no arquivo da família, Lisboa: R. Feio Terenas (Armário 26, nº6)», citado por PEREIRA, Paulo Alexandre Alves Barroso Manta – **Raul Lino – Arquitectura e Paisagem (1900-1948)**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2012. Tese Doutoramento. p. 88, n.311.

<sup>9</sup> LINO, Raul – Alberto Haupt. **Boletim da Academia Nacional de Belas Artes**. Lisboa, nº 5, 1939. p.12-16.

<sup>10</sup> Traduzida e publicada pela primeira vez na revista **Serões**, entre 1903 e 1909.

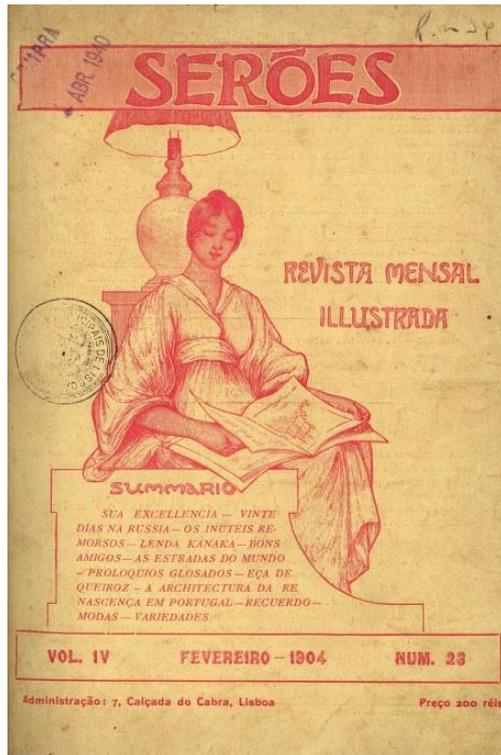


Figura 2 – Albrecht Haupt, A Arquitectura na Renascença em Portugal, Monumentos de Cintra e Colares, in, *Serões*, Revista Mensal Ilustrada, nº 23, Fevereiro, 1903, p.294.

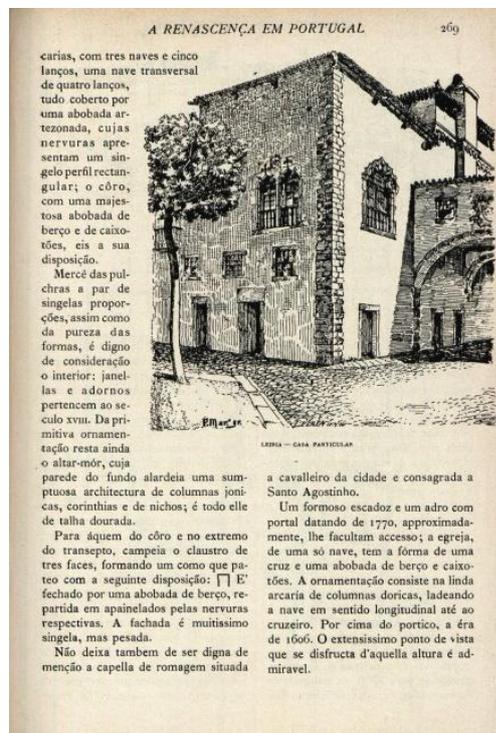
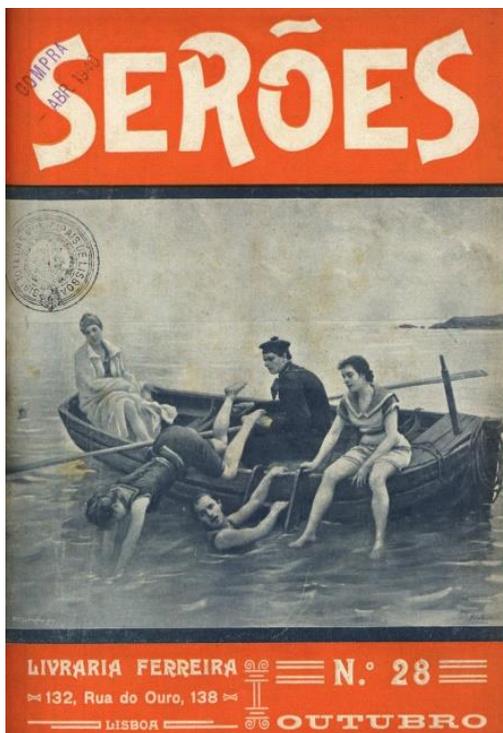


Figura 3 – Albrecht Haupt, A Arquitectura na Renascença em Portugal, Leiria, in, *Serões*, Revista Mensal Ilustrada, nº 28, Outubro, 1907, p.269.

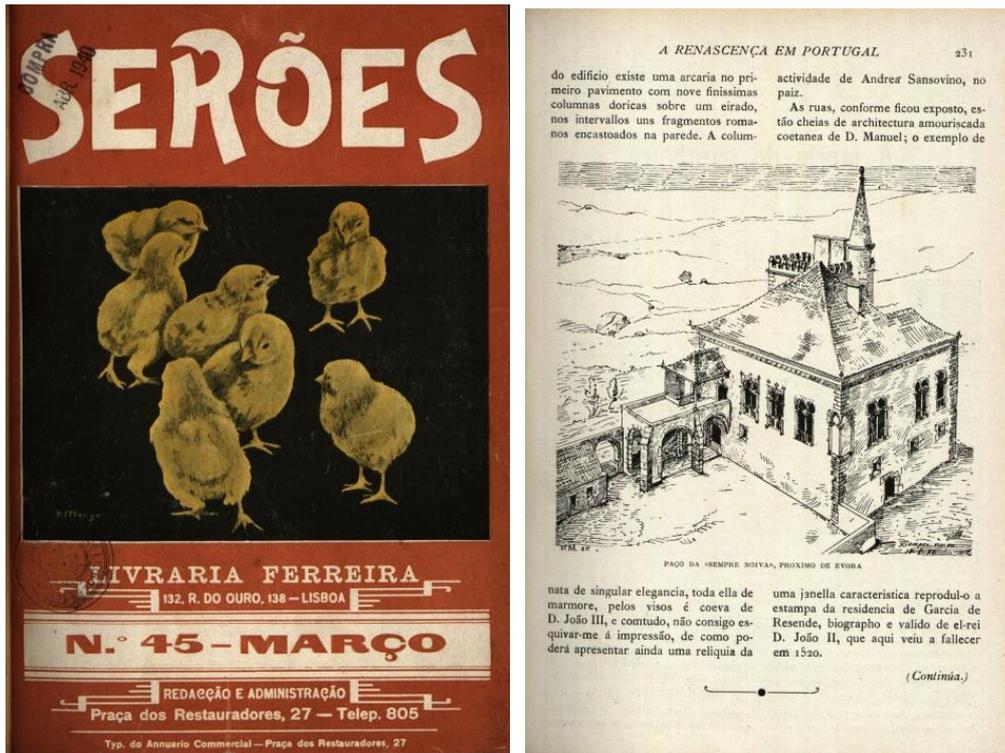


Figura 4 – Albrecht Haupt, A Arquitectura na Renascença em Portugal, Alentejo, in, *Serões*, Revista Mensal Ilustrada, n.º 45, Março, 1909, p.231.



Figura 5 – Albrecht Haupt, A Arquitectura na Renascença em Portugal, Algarve, in, *Serões*, Revista Mensal Ilustrada, n.º 54, Dez, 1909, p.488.

Na verdade, Raul Lino, em 1897, de regresso a Portugal depois dessa sua viagem formativa por Inglaterra e Alemanha, empreendeu uma jornada pelo território nacional, percorrendo de bicicleta o Alentejo, desenhando e descobrindo os fundamentos e as invariantes da arquitectura portuguesa. Em 1902, Raul Lino realiza a sua viagem a Marrocos da qual revelaria: “um mês passado em país desconhecido que parecia recuado pelo menos três séculos no tempo. (...) Creio ter aprendido a encarar a vida com mais compreensão e placidez. (...) esta viagem pelo interior de Marrocos exerceu seguramente uma influência se não directa no exercício da minha profissão, pelo menos teve-a no desenvolvimento do meu espírito, reflectindo-se portanto na minha maneira de ser...”<sup>11</sup>. Essa viagem pelo território marroquino foi uma marca profunda ao longo de toda a sua vida, e o próprio Raul Lino declararia: “eu era tudo olhos durante os longos dias para admirar a estranheza dos contornos e do aspecto das cidades, que pareciam ter ficado intangíveis desde a Idade Média” e à semelhança de *Le Musée Imaginaire* (1947) de André Malraux (1901-1976) confessaria ainda: “desta viagem de sonho pude arrecadar na minha despesa espiritual não poucas impressões indeléveis de poesia, da Natureza e do mistério”<sup>12</sup>.

É em Hannover que em 1895 Raul Lino compra o livro *Walden or Life in the Woods* (1854), do americano Henry David Thoreau (1817-1862), que seria o seu livro de cabeceira, cujos conceitos de natureza, meditação e isolamento se revelaram operativos na sua obra, particularmente para o desenhar do espaço da casa, fundamentando e construindo uma cultura do habitar feita em simultâneo com um compromisso com o território.

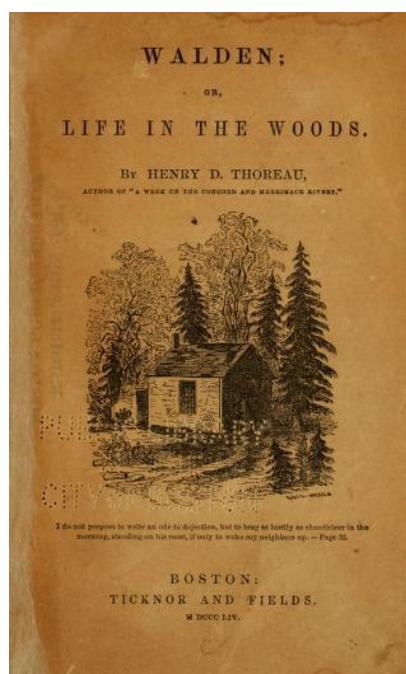


Figura 6 – Henry David Thoreau, *Walden or Life in the Woods*, Boston, Ticknor and Fields, 1854

<sup>11</sup> LINO, Raul – Raul Lino visto por ele próprio. **Vida Mundial**. (21 de Novembro, 1969).

<sup>12</sup> LINO, Raul – Em busca do equilíbrio. **Diário de Notícias**. (2 de Fevereiro, 1967).

Em 1907 adquire em Londres o livro *Houses and Gardens: Arts and Crafts Interiors* (1906) do artista e arquitecto britânico Mackay Hugh Baillie Scott (1865-1945), e certamente que aí colheu a referência da necessidade de toda a habitação ter um espaço que seja “o foco da planta da casa” que Baillie Scott chega a designar por “alma da casa”<sup>13</sup>.

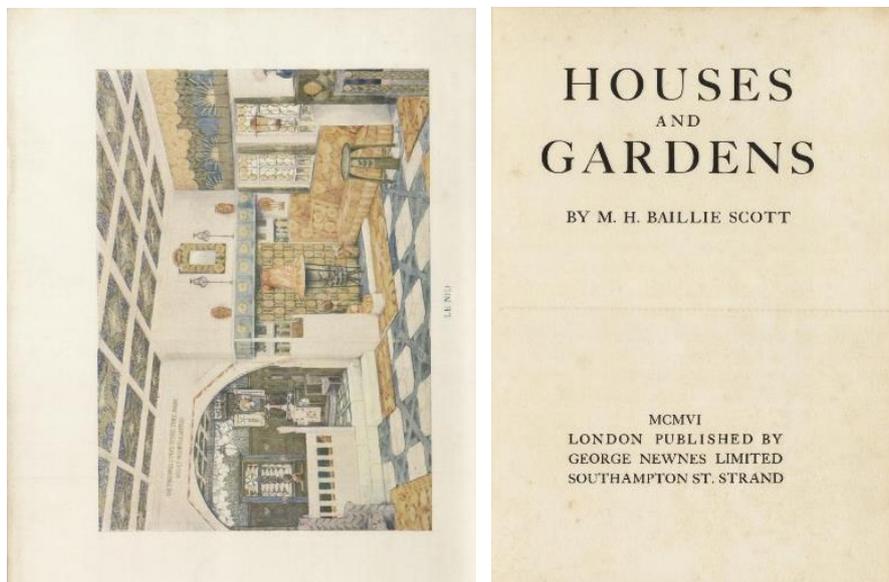


Figura 7 – Mackay Hugh Baillie Scott, *Houses and Gardens: Arts and Crafts Interiors*. London: G. Newnes, limited, 1906

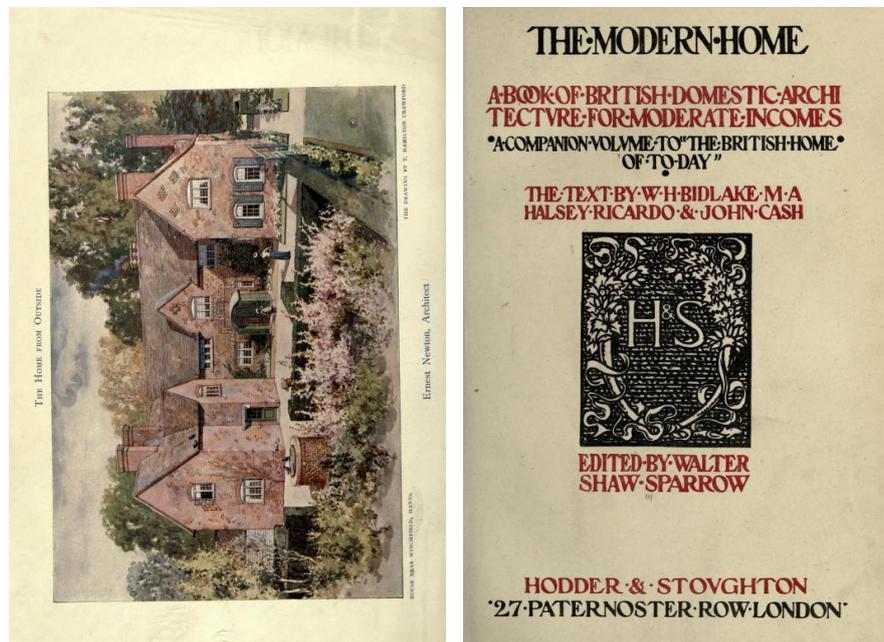


Figura 8 – Walter Shaw Sparrow, William Henry Bidlake, Halsey Ricardo, John Cash, *The modern home : a book of British domestic architecture for moderate incomes : a companion volume to "The British home of to-day"*, London: Hodder & Stoughton [1906]

<sup>13</sup> SCOTT, Mackay Hugh Baillie – *Houses and Gardens: Arts and Crafts Interiors*. London: George Newnes Limited, 1906, p. 38.

### A Nossa Casa e o Bom Senso

Raul Lino impunha como primeira condição para a construção de uma casa a eleição do terreno a partir do qual se poderia começar a configurar a planta. Considerava que era através do modo como se disponham os espaços que a casa corresponderia perfeitamente à maneira de viver de quem a habitasse. Dando como referência a Inglaterra como país em que o conforto atingiu a sua maior elevação, defendia como espaço focal e alma/*mundus* da casa o átrio (*hall*) e a sala de estar (*parlour*), espaços de reunião da família<sup>14</sup>. Esta chamada de atenção para o terreno e para a planta era também a razão pela qual Raul Lino considerava que se quiséssemos definir o “tipo completo de habitação portuguesa” nunca encontraríamos o exemplo que constituísse “esse tipo ideal”<sup>15</sup>. João Chambers Carlos Ramos (1897-1969) inicia em 1916 um período de trabalho pontual até 1922 no atelier de Raul Lino onde “aprende a projectar uma habitação, adaptando-a à especificidade local e às características das pessoas a quem se destina, enquanto aprofunda que a proposta defendida por Raul Lino resulta de uma pesquisa profunda sobre a tradição nacional e sobre a própria arquitectura, projectada do interior para o exterior”<sup>16</sup>.

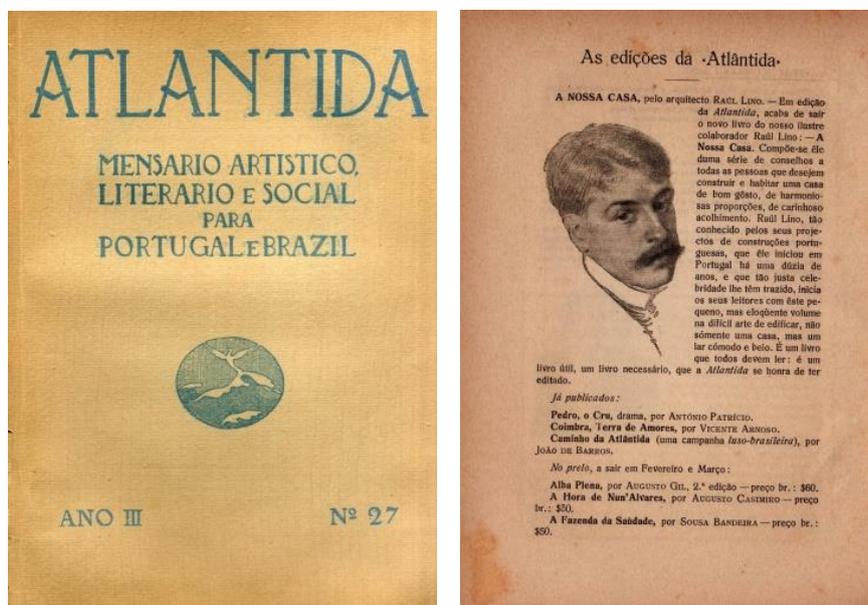


Figura 9 – As edições da Atlântida, in, *Atlântida. Mensario Artístico Literario e Social para Portugal e Brazil*, Ano III, nº 27, 15 Janeiro, 1918<sup>17</sup>

<sup>14</sup> LINO, Raul – **A Nossa Casa. Apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples.** [Lisboa]: Edição da ‘Atlântida’, [1918], p.27-29.

<sup>15</sup> LINO, Raul – **Portugal: A Casa Portuguesa. Exposição Portuguesa em Sevilha.** Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1929.p.5.

<sup>16</sup> FRANÇA, José-Augusto – Raul Lino. Arquitecto da geração de 90. In – **Raul Lino. Exposição Retrospectiva da sua obra.** Lisboa: FCG, 1970.

<sup>17</sup> “A Nossa Casa pelo architecto Raul Lino – em edição da *Atlântida*, acaba de sair o novo livro do nosso ilustre colaborador Raul Lino: A Nossa Casa. Compõem-se êle de uma série de conselhos a todas as pessoas que desejem construir e habitar uma casa de bom gosto, de harmoniosas proporções, de carinhoso acolhimento. Raul Lino, tão conhecido pelos seus projectos de construções portuguesas, que êle iniciou em Portugal há uma dúzia de anos, e que tão justa celebridade lhe têm trazido, inicia os seus leitores com êste pequeno, mas eloquente volume na difícil arte de edificar, não somente uma casa, mas um lar cómodo e belo. É um livro que todos devem ler: é um livro útil, um livro necessário, que a *Atlântida* se



Figura 10 – Raul Lino, *A Nossa Casa. Apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples*. [Lisboa]: Edição da ‘Atlantida’, [1918]<sup>18</sup>.

Raul Lino publica em 1918 *A Nossa Casa* visando aí “simplesmente indicar a forma por que se deve apreciar o valor estético da habitação”<sup>19</sup>. Considerava que “até há cerca de 50 anos, em Portugal todas as obras de alguma importância eram projectadas por arquitectos, enquanto que obras de categoria mais modesta, ou rústicas, se executavam por **gente prática**, obedecendo sempre às tradições regionais”<sup>20</sup>. Para o arquitecto “na construção de casas há também boas maneiras, má educação ou feitiço grosseiro, há gestos inteligentes e sinais certos de necedades tais, quais se observam em todos os actos da vida. É destes dois pontos mais importantes que a seguir vamos tratar: da melhor disposição da casa para conveniência dos seus moradores e do modo decoroso por que esta deve ser realizada (...) na parte prática guiar-nos-hemos pelo **bom senso** para tudo o que afirmarmos; na parte artística porém, como não se podem estabelecer regras, limitar-nos-hemos quasi exclusivamente a exemplificar o que com certeza é

---

honra de ter editado”, in, As edições da ‘Atlântida’, in, **Atlantida. Mensario Artístico Literario e Social para Portugal e Brazil**, Ano III, nº 27, 15 Janeiro, 1918.

<sup>18</sup> Raul Lino no ano em que publica a sua obra *A Nossa Casa* recebe em sua casa os Ballets Russes: “O meu interesse pelos espectáculos teatrais e baléticos acresceu por essa época com a revelação do Bailado Russo do Diaghilev no teatro do Ocidente em Berlim. (...) Mais tarde, quando a companhia veio a Lisboa, organizámos em nosso modesto terceiro andar uma demonstração de bailaricos portugueses e uma pequena exposição de trajos populares, numa tarde dedicada a Massine, à Lopukova e a outras figuras do Bailado Russo. Isso deu então bastante escândalo em Lisboa e foi tido como grande atrevimento nosso, pelos bons burgueses da cidade! Essas mesmas figuras hoje seriam aqui recebidas pelos próceres mais ricos, apenas”, in, **Raul Lino Exposição Retrospectiva da sua obra**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, p. 11, 90, citado por CASTRO, Maria João – **A Dança e o Poder ou o Poder da Dança: Diálogos e Confrontos no século XX**. Lisboa: FCSH-UNL, 2013, p. 67; ver ainda LAGINHA, António – **Os Ballets Russes em Portugal 1917-18**. Amazon, 2018, p. 92.

<sup>19</sup> LINO, Raul – *A Nossa Casa. Apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples*. [Lisboa]: Edição da ‘Atlantida’, [1918], p.4.

<sup>20</sup> LINO, Raul – *A Nossa Casa. Apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples*. [Lisboa]: Edição da ‘Atlantida’, [1918], p.8.

errado”<sup>21</sup>. O arquitecto Jorge de Almeida Segurado (1898-1990) refere-se à obra *A Nossa Casa* (1918), do arquitecto Raul Lino como “um livrinho pequenino e extraordinário (...) importantíssimo na educação dos arquitectos, no capítulo da habitação (...)”<sup>22</sup>. Jorge Segurado a propósito desta obra testemunha: “*A Nossa Casa* foi por mim lida com avidez e bom proveito. Com este livro de Raul Lino, abriu-se uma janela sobre o problema da habitação e da harmonia do bom gosto do lar. Foi um fértil colher de frutos, de conceitos e de regras da boa teoria, no articular da distribuição de aposentos, no esclarecimento da função lógica da vida doméstica e, em suma, um arrecadar de conhecimentos justos de aplicação prática no traçar da habitação, nos moldes daquelas linhas simples do bom gosto. Entretanto percorri Portugal e fui aprendendo, a pouco e pouco, a descortinar e a classificar a nossa arquitectura em épocas e feições e a compreender o sentido dos motivos de Raul Lino”<sup>23</sup>. Segurado acrescentaria ainda que “o mais curioso é que a obra de Raul Lino era entendida como revolucionária e antiacadémica pelos “mestres das Belas Artes”. Recordava ainda que ele “e o Eugénio Correia organizámos na Escola de Belas Artes uma exposição com pintores, o Varela Aldemira e o Mário Reis, eu apresentei uma casa aportuguesada já influenciada por Raul Lino (...) o júri reprovou-nos, o que nos dá a ideia de como Raul Lino foi tomado por modernista”<sup>24</sup>. Segundo Andreia Galvão “este episódio em que se viu envolvido Segurado reforça o que afirmou José Augusto França<sup>25</sup> acerca da indiferença inicial do corpo docente da Escola de Belas Artes de Lisboa em relação a alguns pressupostos teóricos que estavam na base da modernidade<sup>26</sup>. E Jorge Segurado em 1938 numa entrevista concedida ao jornal *Diário de Lisboa* em que era questionado sobre se haveria “abuso de cubismo na construção civil alfacinha”<sup>27</sup>, o arquitecto numa linha historiográfica dos estilos, refere que se estava a “cair na fase do modernismo amaneirado, de receita” chamando a atenção que o mesmo tinha acontecido com “o chamado «estilo à antiga portuguesa» após a interessante campanha de Raul Lino” que tinha sido desvirtuada. Deixava a sua esperança na figura de Duarte Pacheco, particularmente no que dizia respeito à altura das construções e à “preocupação de saber

<sup>21</sup> LINO, Raul – *A Nossa Casa. Apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples*. [Lisboa]: Edição da ‘Atlantida’, [1918], p.10.

<sup>22</sup> FERREIRA, Fátima; ALMEIDA, Pedro Vieira de – Jorge Segurado: arquitecto do Modernismo em Portugal. *Jornal do Arquitectos*. Lisboa, nº 76 (1989).p.15-18.

<sup>23</sup> SEGURADO, Jorge – Raul Lino, Artista Excelso. Separata da Revista **Belas-Artes**. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2ª Série, nº 38-39, 1976. p.10 (conferência proferida em 13 de Novembro de 1970), citado por, GALVÃO, Andreia Maria Bianchi Aires de Carvalho – **O caminho da modernidade: a travessia portuguesa, ou o caso da obra de Jorge Segurado como um exemplo de complexidade e contradição na arquitectura, 1920-1940**. Lisboa: Universidade Lusíada, 2003. 3 vols. Tese de Doutoramento. p.100.

<sup>24</sup> FERREIRA, Fátima; ALMEIDA, Pedro Vieira de – Jorge Segurado: arquitecto do Modernismo em Portugal. *Jornal do Arquitectos*. Lisboa, nº 76 (1989).p.15-18.

<sup>25</sup> A Arte em Portugal no séc. XIX. 1880-1910 e depois de 1910. Lisboa: Bertrand, 1966, vol II, p. 340-344.

<sup>26</sup> GALVÃO, Andreia Maria Bianchi Aires de Carvalho – **O caminho da modernidade: a travessia portuguesa, ou o caso da obra de Jorge Segurado como um exemplo de complexidade e contradição na arquitectura, 1920-1940**. Lisboa: Universidade Lusíada, 2003. 3 vols. Tese de Doutoramento. p.101.

<sup>27</sup> ALGUMAS ideias aproveitáveis para o plano de urbanização da cidade. Entrevista a Jorge Segurado. *Diário de Lisboa*. (10 de Maio de 1938). p.2.

onde nasce e se põe o sol”. Em relação à arquitectura moderna considerava que devia ser adoptada e que adoptando “materiais nacionais, terá também carácter português”<sup>28</sup>.

### Ainda as Casas Portuguesas e o Bom Senso

Raul Lino no seu artigo *Ainda as Casas Portuguesas* referia que tinha tido há bastantes anos a ideia “de tentar reaportuguesar a nossa arquitectura. Lembrámo-nos para começo, de querer acabar com os *chalets*, que constituíam o pior insulto das nossas paisagens, e enxortamos a gente desta terra a que se deixasse de imitar os suíços, ou lá quem eram, e que de novo se voltasse para a boa maneira portuguesa de construir casas”<sup>29</sup>.



Figura 11 – Raul Lino, *Ainda as Casas Portuguesas*. *Panorama, Revista Portuguesa de Arte e Turismo*. Nº4, 1941, p. 9, 10.

Para o arquitecto “o reaportuguesamento da arquitectura, que devia ser o contra-veneno destes desmandos, desencadeou-se tal chuvada de beiralinhos, azulejos, pilares e alpendrões, que ainda hoje perdura a maré dos arrebiques, inúteis, subvertendo toda a boa intenção!”. Na verdade, o que deveria ter sido suplicado “seria simplesmente que Apolo nos iluminasse de **bom senso**. (...) o **bom senso** é coisa positiva que se pode inculcar em doses sólidas; convém ser largamente cultivado, generalizado, popularizado e ministrado nas escolas primárias”. Era absolutamente claro para Lino que tinha sido “o **bom senso**, apoiado pela boa educação, que manteve, até há cerca de cem anos, o panorama harmonioso da casa portuguesa, - panorama que se estendia até ao Brasil e às províncias ultramarinas. Havia, então, uma casa portuguesa tão característica como a casa inglesa, a japonesa, ou a de qualquer outro país onde imperiasse o **bom senso nacional**”<sup>30</sup>. Essa estética/doutrina do **bom senso** foi amplamente fomentada e divulgada pela revista *Panorama Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, editada pelo *Secretariado Nacional da Propaganda/Secretariado Nacional da Informação* entre

<sup>28</sup> ALGUMAS ideias aproveitáveis para o plano de urbanização da cidade. Entrevista a Jorge Segurado. *Diário de Lisboa*. (10 de Maio de 1938). p.2.

<sup>29</sup> LINO, Raul – *Ainda as Casas Portuguesas*. *Panorama, Revista Portuguesa de Arte e Turismo*. Nº4, 1941, p. 9, 10.

<sup>30</sup> LINO, Raul – *Ainda as Casas Portuguesas*. *Panorama, Revista Portuguesa de Arte e Turismo*. Nº4, 1941, p. 9.

1941 e 1974, sendo fundadora da construção da *Campanha do Bom Gosto* promovida pela revista.

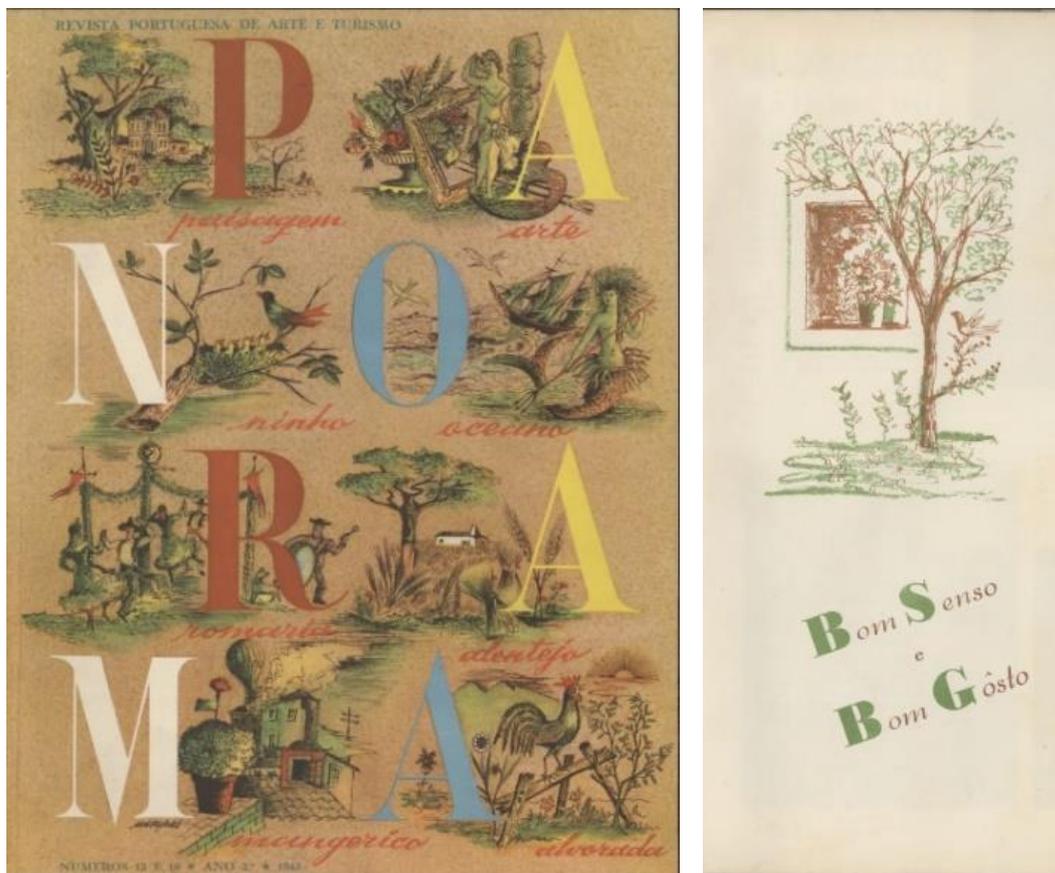


Figura 12 – Separador Bom Senso e Bom Gosto, in, NOGUEIRA, Américo – Rodísio – Bairro dos Arquitectos [Keil do Amaral, Faria da Costa e Adelino Nunes] e Campanha do Bom Gosto, in, *Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo*. Vol. 3º, nºs 15 e 16, Julho, 1943.

Raul Lino afirmava que tinha sido o **bom senso**, “apoiado pela boa educação”, que tinha mantido, “até há cerca de 100 anos, o panorama harmonioso da casa portuguesa, - panorama que se estendia até ao Brasil e às províncias ultramarinas. Não de qualificativo que melhor quadre a estas casas que o de *honestas*. As de Lisboa, por exemplo, servem até de lição de arquitectura estandardizada: vãos iguais emoldurados de cantaria lisa, sacadas rectilíneas, cimalthas e beirais da regra”<sup>31</sup>. A importância da matriz educacional é sublinhada por Lino: “(...) só por milagre se poderia transformar de um dia para outro o panorama enfermo da nossa sensibilidade visual (...) uma coisa, no entanto, me parece certa: julgo que o que urge fazer primeiro que tudo seria estabelecer o ensino do desenho em bases de eficiência, desde a escola primária e a educação pré-primária até ao ensino liceal. (...) Se quisermos reeducar o sentimento visual da gente, temos primeiro de lhes **ensinar a ver, desenhando**”<sup>32</sup>.

<sup>31</sup> LINO, Raul – Ainda as Casas Portuguesas. *Panorama, Revista Portuguesa de Arte e Turismo*. Nº4, 1941, p. 10.

<sup>32</sup> LINO, Raul – Aspectos que falam, in, *Mensário das Casas do Povo*, nº6, dez, 1946, p. 16.

### Estudo de um Edifício de Apartamentos e outra circunstância do bom senso

Em 1954 Raul Lino considerando que na capital há muito se fazia sentir a falta “da existência de **pequenos apartamentos** para moradia de pessoas sem família, ou casais sem filhos, que precisam de se acomodar em **casas muito resumidas**, que não impliquem o pagamento de altas rendas, nem obriguem a alojar pessoal permanente para os serviços domésticos”, elabora um *Estudo de um edifício de apartamentos para ser construído na cidade de Lisboa*<sup>33</sup>. Na memória descritiva Raul Lino refere que no edifício de apartamentos as casas disponham dos necessários cômodos e que se achavam bem localizadas, e “que não faltavam moradores para essa categoria de alojamentos, “entre os quais se devem mencionar pessoas solteiras que não podem ou não desejam arcar com as usuais atribuições governativas, empregados superiores estrangeiros ou gente do Corpo Diplomático, provincianos que precisam de ter uma pousada na capital, etc”.

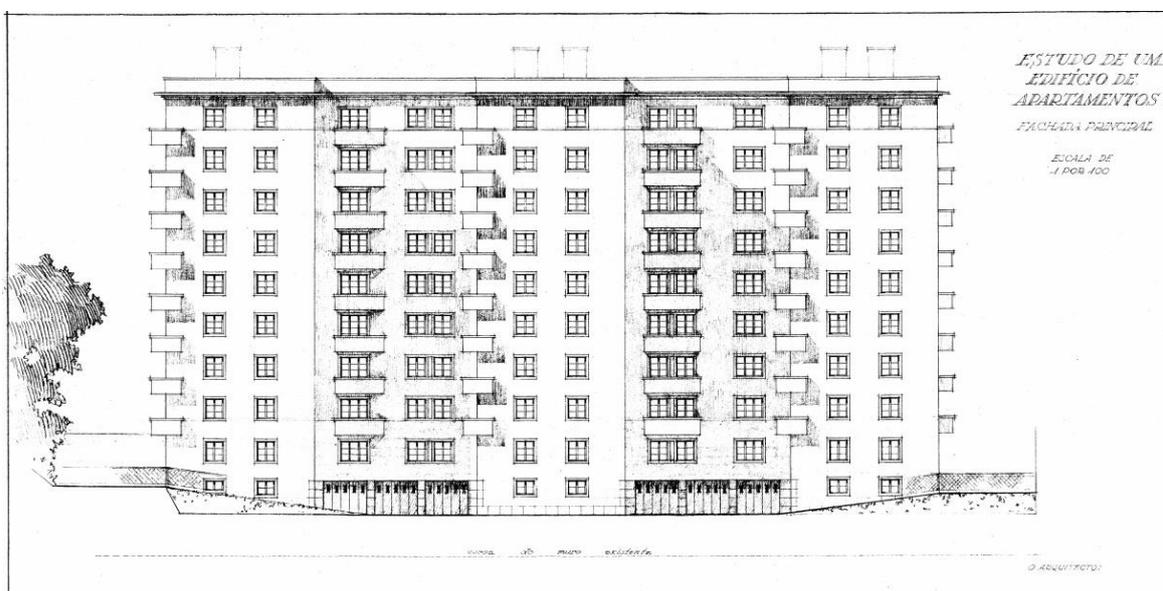


Figura 13 – Raul Lino, Estudo de um edifício de apartamentos, fachada principal, escala de 1 por 100, RL 540, Col. Espólio Raul Lino I FCG-Biblioteca de Arte e Arquivos

O local onde se implantaria o edifício de apartamentos é qualificado por Lino como “esplêndido para o fim em vista, já por gozar de uma exposição maravilhosa, por ser central e ao mesmo tempo muito sossegado, e por dele se desfrutar um dos melhores e mais **desafogados panoramas da cidade**”<sup>34</sup>.

<sup>33</sup> Raul Lino, *Estudo de um edifício de apartamentos para ser construído na cidade de Lisboa*, Julho de 1954, RL 540, Col. Espólio Raul Lino I FCG-Biblioteca de Arte e Arquivos

<sup>34</sup> Exactamente para o mesmo local em 2016 foi inaugurado o Hotel Memmo Príncipe Real (2011-16) com projecto do arquitecto Samuel Torres de Carvalho, responsável também pelo desenho da maior parte das peças de mobiliário, e pertencente ao grupo Memmo Hotels (do qual fazem parte também o Memmo Alfama e o Memmo Baleeira), in, ANDRÉ, Paula – Cidade, Criatividade e Cozinha: os 3 Cs no Eixo “Príncipe Real” em Lisboa, in, **Libro de Actas V Congresso Internacional Cidades Criativas**. Porto: Faculdade de Letras, CITEM, icono14, 2017, p.1060-1070.

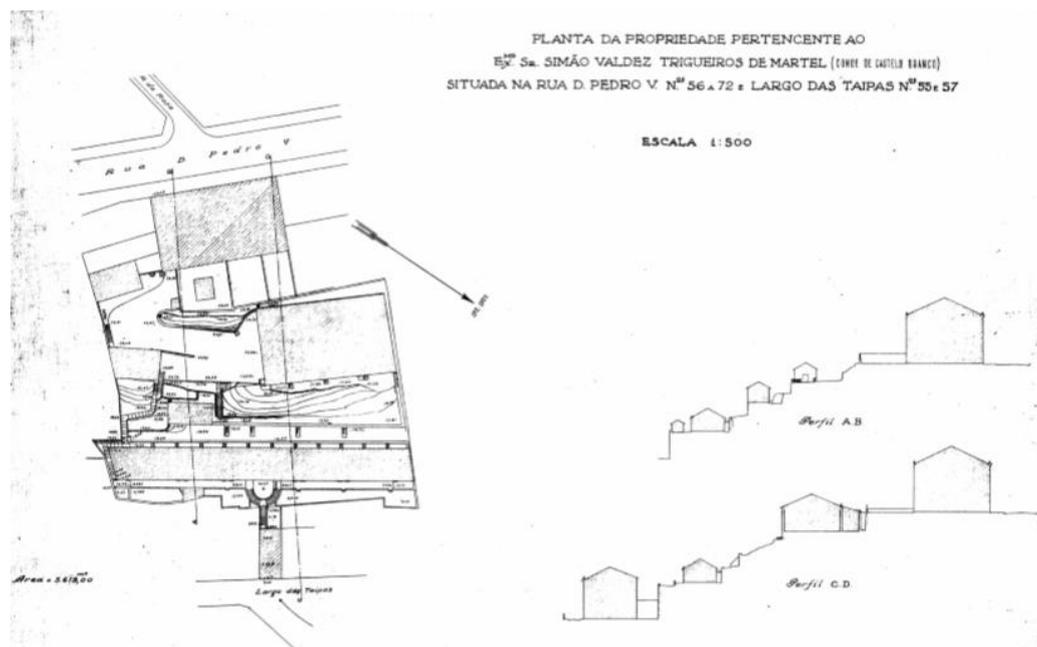


Figura 14 – Raul Lino, Planta da propriedade pertencente ao Exmº Sr. Simão Valdez Trigueiros de Martel (Conde de Castelo Branco) situada na Rua D. Pedro V nºs 56 a 72 e Largo das Taipas nºs 55 e 57, escala 1:500, RL 540, Col. Espólio Raul Lino I FCG-Biblioteca de Arte e Arquivos

É igualmente referido que atendendo à exposição e ao formato do terreno, o imóvel “consta de um corpo principal ao qual se ligam três alas perpendiculares àquele, de comprimentos diferentes. Sujeitando-se ao grande declive do terreno há dois pisos que ficam encostados à terra, mas que permitem ainda assim um bom aproveitamento em excelentes condições, quer em parte para habitações no 2º piso, quer para recolhidas e algumas arrecadações mais no 1º, ínfimo piso”. Estavam previstas três instalações para porteiras e também uma área reservada à central do aquecimento. O Edifício de apartamentos disporia de três ascensores e três eleva-cargas que estabeleceriam comunicações verticais, além de três escadarias alojadas em compartimentação incombustível, devidamente iluminadas.

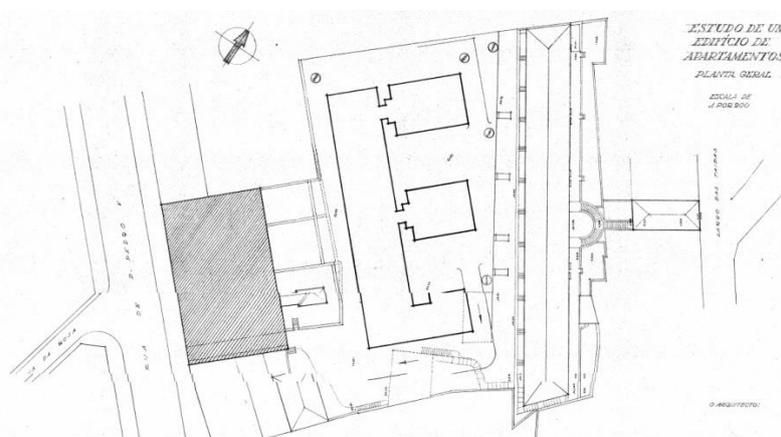


Figura 15 – Raul Lino, Estudo de um edifício de apartamentos, planta geral, escala de 1 por 200, RL 540, Col. Espólio Raul Lino I FCG-Biblioteca de Arte e Arquivos

Na memória descritiva Raul Lino destaca ainda que “a edificação está condicionada para oferecer instalações satisfatórias correspondentes a diferentes exigências no número das salas ou quartos, mas dispondo cada inquilino sempre de um grupo **estandardizado** que é constituído por quarto de banho completo com instalações sanitárias, e uma **cozinha** para a preparação de **refeições mínimas**”<sup>35</sup>.

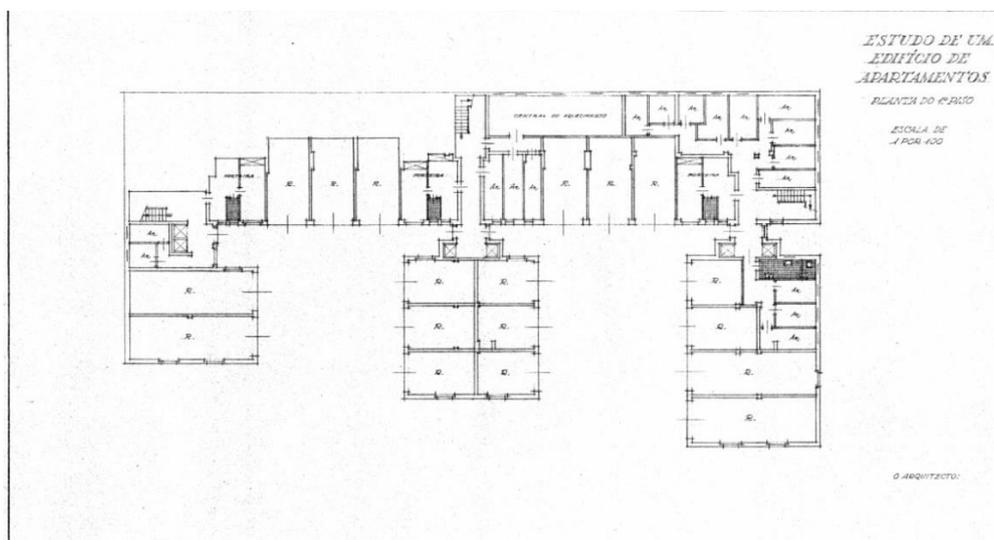


Figura 16 – Raul Lino, Estudo de um edifício de apartamentos, planta do 1º piso, escala de 1 por 100, RL 540, Col. Espólio Raul Lino I FCG-Biblioteca de Arte e Arquivos

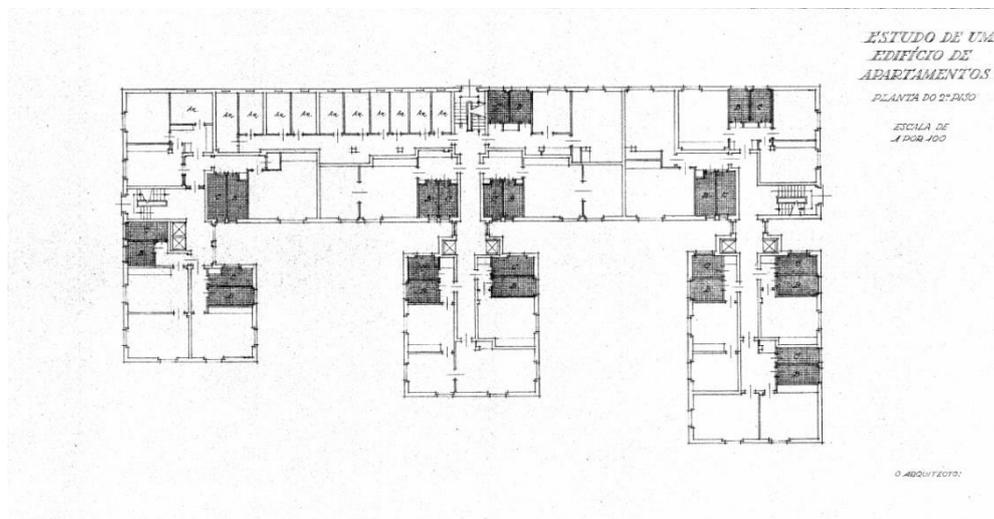


Figura 17 – Raul Lino, Estudo de um edifício de apartamentos, planta do 1º piso, escala de 1 por 100, RL 540, Col. Espólio Raul Lino I FCG-Biblioteca de Arte e Arquivos

<sup>35</sup> À parte este grupo constante de dependências, os apartamentos compõem-se de uma, duas ou três divisões assoalhadas, encontrando-se nos dois pisos inferiores uma série de arrecadações privativas dos inquilinos que delas precisam ou para guardar malas, caixotes etc, ou para servirem de garrafeiras. Aham-se também instaladas dúzia e meia de recolhas, maiores e menores, ao nível dos pátios, para guardar automóveis pertencentes a inquilinos.

Sobre toda a edificação ficam terraços amplos que podem ser eventualmente divididos em parcelas privativas dos diferentes inquilinos<sup>36</sup>. O exterior é, por se tratar de uma edificação que só se justifica quando possa dar um certo rendimento, necessariamente simples; contudo, a grande mole dividida em alas, com pátios abertos em rendentes virados ao vasto panorama, ficará avultando na colina da antiga Patriarcal Queimada com certa imponência que não deixaria de valorizar aquele lado ao grande vale que é o mais importante do centro urbano da cidade de Lisboa<sup>37</sup>.

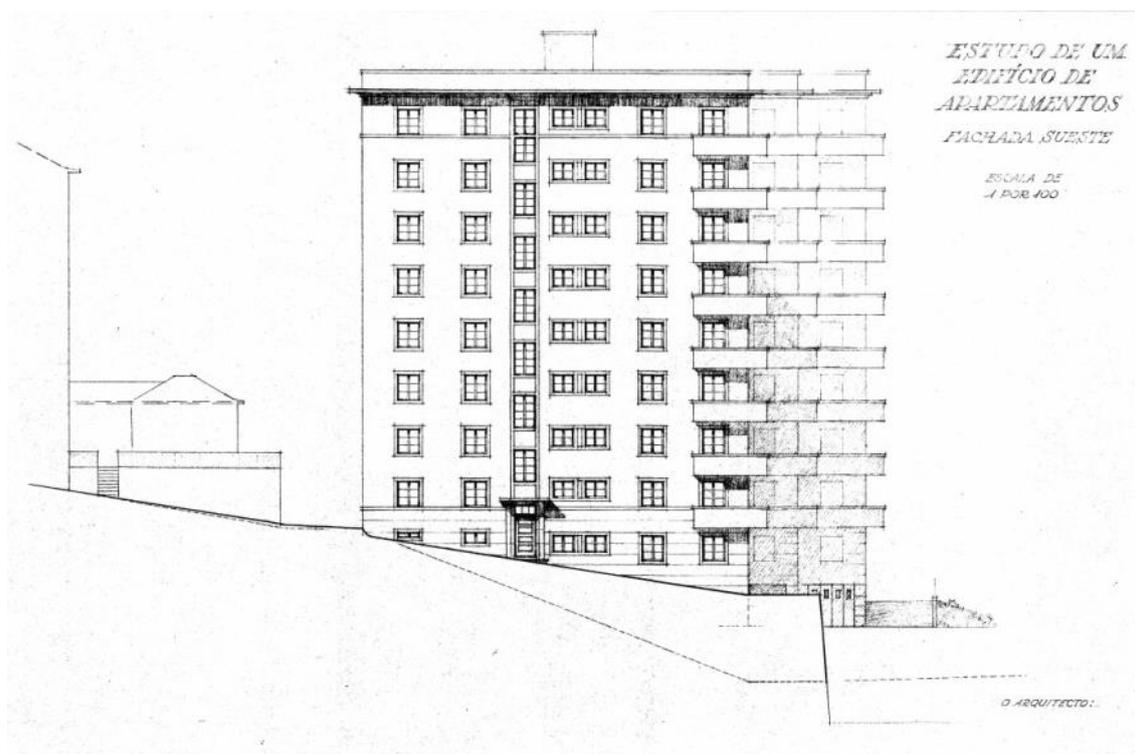


Figura 18 – Raul Lino, Estudo de um edifício de apartamentos, fachada sueste, escala de 1 por 100, RL 540, Col. Espólio Raul Lino I FCG-Biblioteca de Arte e Arquivos

### Considerações finais

Tal como refere o historiador de arquitectura Francesco Dal Co “la casa, en cuanto forma del habitar, es también traslación del concepto histórico, político de pátria (...) en la casa vive la tradición de la nación”<sup>38</sup>, e Raul Lino no modo como organiza e articula os diferentes espaços da casa em planta constrói “valores-de-habitar”<sup>39</sup>, que são configuradores de valores identitários da sua cultura arquitectónica. Segundo o

<sup>36</sup> O rol de habitações e respectivos cómodos é como segue: Apartamentos com 1 só assoalhado 28; Apartamentos com 2 assoalhados 80; Apartamentos com 3 assoalhados 26; Total 134. Recolhas de diferentes tamanhos total 18; Arrecadações privativas dos inquilinos total 27; Habitações para porteira 3.

<sup>37</sup> Raul Lino, Estudo de um edifício de apartamentos para ser construído na cidade de Lisboa, Julho de 1954, RL 540, Col. Espólio Raul Lino I FCG-Biblioteca de Arte e Arquivos.

<sup>38</sup> DAL CO, Francesco – **Dilucidaciones. Modernidad y Arquitectura**. Barcelona: Paidós, 1982.p.40.

<sup>39</sup> ALMEIDA, Pedro Vieira – Raul Lino – arquitecto moderno. ALMEIDA, Pedro Vieira; RIO-CARVALHO, Manuel; FRANÇA, José Augusto – **Raul lino: Exposição retrospectiva da sua Obra**. Lisboa: FCG, 1970.p.130.

historiador Sousa Viterbo o arquitecto Raul Lino “seguido sempre numa orientação nacionalista procura achar a expressão architectonica própria de cada problema e libertando-se do exagero da evocação romântica baseia os seus projectos na **logica das circunstancias**, entendendo que uma construção que fique absolutamente bem no local e para o fim a que se destina tem de ser por isso mesmo nacional”<sup>40</sup>. As plantas das casas de Raul Lino materializam o caldear articulado e integrado da cultura inglesa, da cultura alemã, da cultura portuguesa, e da cultura mediterrânea, harmonizando fundamentos vernáculos e eruditos, unidos por lógicas poéticas, empíricas e racionais. Essas plantas por um lado organizam-se na lógica da salvaguarda da intimidade e do espaço privado e por outro organizam-se na lógica do conforto do núcleo familiar e do colectivo, posicionando-se funcionalmente os espaços de serviço, todos eles interligados em rede, através do átrio e/ou da sala de estar, que se revelam verdadeiras plataformas dessa cultura do habitar, tudo integrado na Natureza, verdadeira matriz do ser humano.

## **Bibliografia**

ALGUMAS ideias aproveitáveis para o plano de urbanização da cidade. Entrevista a Jorge Segurado. **Diário de Lisboa**. (10 de Maio de 1938). p.2.

ALMEIDA, Pedro Vieira – Raul Lino – arquitecto moderno, in, ALMEIDA, Pedro Vieira; RIO-CARVALHO, Manuel; FRANÇA, José Augusto – **Raul lino: Exposição retrospectiva da sua Obra**. Lisboa: FCG, 1970.

ANDRÉ, Paula – Cidade, Criatividade e Cozinha: os 3 Cs no Eixo “Príncipe Real” em Lisboa, in, **Libro de Actas V Congresso Internacional Cidades Criativas**. Porto: Faculdade de Letras, CITEM, icono14, 2017, p.1060-1070.

**Atlantida. Mensario Artístico Literario e Social para Portugal e Brazil**, Ano III, nº 27, 15 Janeiro, 1918.

CASTRO, Maria João – **A Dança e o Poder ou o Poder da Dança: Diálogos e Confrontos no século XX**. Lisboa: FCSH-UNL, 2013. Tese de Doutoramento.

DAL CO, Francesco – **Dilucidaciones. Modernidad y Arquitectura**. Barcelona: Paidós, 1982.

FERREIRA, Fátima; ALMEIDA, Pedro Vieira de – Jorge Segurado: arquitecto do Modernismo em Portugal. **Jornal do Arquitectos**. Lisboa, nº 76 (1989).p.15-18.

GALVÃO, Andreia Maria Bianchi Aires de Carvalho – **O caminho da modernidade: a travessia portuguesa, ou o caso da obra de Jorge Segurado como um exemplo de complexidade e contradição na arquitectura, 1920-1940**. Lisboa: Universidade Lusíada, 2003. 3 vols. Tese de Doutoramento.

---

<sup>40</sup> Lino (Raul), in, VITERBO, Sousa – **Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988, vol. III, p. 350.

GRILO, João Mário – **A Vossa Casa**. Paulo Trancoso, Ana Costa (Costa do Castelo Filmes, Cinemate), 2012, Documentário, 56 minutos.

GRILO, João Mário – **A Vossa Terra**. Paulo Trancoso (Costa do Castelo Filmes, Cinemate), 2016, Documentário, 59 minutos.

HAUPT, Albrecht – **Die Baukunst der Renaissance in Portugal: von den Zeiten Emmanuel's des Glücklichen bis zu dem Schlusse der spanischen Herrschaft**. Frankfurt a. M.: H. Keller, 1890.

HAUPT, Albrecht – A Arquitectura da Renascença em Portugal, in, **Serões, Revista Mensal Ilustrada**, nº 19, Maio-Junho, 1903, p.21-28.

LAGINHA, António – **Os Ballets Russes em Portugal (1917-1918)...entre a inquietação e o desânimo**. Amazon, 2018.

LINO, Raul – Estudo de um edifício de apartamentos para ser construído na cidade de Lisboa, Julho de 1954, RL 540, Col. Digitalizadas, Biblioteca de Arte, FCG

LINO, Raul – Afinidades e analogias. **Diário de Notícias**. (12 de Janeiro, 1953).

LINO, Raul – **A Casa Portuguesa. Portugal, Exposição Portuguesa em Sevilha**. Lisboa: Escola Tipográfica, 1929.

LINO, Raul – Alberto Haupt. **Boletim da Academia Nacional de Belas Artes**. Lisboa, nº 5, 1939. p.12-16.

LINO, Raul – Raul Lino visto por ele próprio. **Vida Mundial**. (21 de Novembro, 1969).

LINO, Raul – Em busca do equilíbrio. **Diário de Notícias**. (2 de Fevereiro, 1967).

LINO, Raul – **A Nossa Casa. Apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples**. [Lisboa]: Edição da 'Atlantida', [1918].

LINO, Raul – Considerações sobre a estética nas Escolas (estudo apresentado a convite da Sociedade de Estudos Pedagógicos, por ocasião da Exposição de «Arte na Escola», in, **Boletim Oficial do Ministério de Instrução Pública**, Lisboa, ano II, nº 13/16, 1917.

LINO, Raul – Ainda as Casas Portuguesas. **Panorama, Revista Portuguesa de Arte e Turismo**. Nº4, 1941, p. 9,10.

LINO, Raul – Aspectos que falam, in, **Mensário das Casas do Povo**, nº6, dez, 1946, p. 10,16.

LINO, Raul – **Algumas considerações sobre a Arquitectura Alemã Contemporânea**. [Texto da entrevista concedida à Emissora Alemã de Ondas Curtas em Janeiro de 1941]. Coimbra: Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, 1942.

NORBERG-SCHULZ, Christian – **Los principios de la arquitectura moderna: sobre la nueva tradición del siglo XX**. Madrid: Reverte, 2005.

PEREIRA, Paulo Alexandre Alves Barroso Manta – **Raul Lino – Arquitectura e Paisagem (1900-1948)**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2012. Tese Doutoramento.

PINTO, Paula Cristina André dos Ramos – **Arquitectura Moderna e Portuguesa: Lisboa 1938-1948**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2010. Tese de Doutoramento.

PORTAS, Nuno – A evolução da arquitectura moderna em Portugal. In ZEVI, Bruno – *História da Arquitectura Moderna*. Lisboa: Arcádia, 1970-73.vol.2.

**Raul Lino Exposição Retrospectiva da sua obra**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.

SCOTT, Mackay Hugh Baillie – **Houses and Gardens: Arts and Crafts Interiors**. London: G. Newnes, limited, 1906.

SPARROW, Walter Shaw – **The British home of today: a book of modern domestic architecture & the applied arts**. London: Hodder & Stoughton, 1904.

SPARROW, Walter Shaw; BIDLAKE, William Henry; RICARDO, Halsey; CASH, John – **The modern home : a book of British domestic architecture for moderate incomes: a companion volume to "The British home of to-day"**, London: Hodder & Stoughton [1906]

THOREAU, Henry David – **Walden or Life in the Woods**. Boston: Ticknor and Fields, 1854.

VERITY, Frank T.; THOMAS, Edwain; HORSLEY, Gerald C.; SPARROW, Walter Shaw – **Flats, urban houses and cottage homes; a companion volume to "The British home of to-day"**. London: Hodder and Stoughton, 1906.

VIEIRA, Santos – Pela Urbanização condigna de Lisboa. O estilo da “casa portuguesa” na capital modernista de amanhã segundo os interessantes esclarecimentos que nos deu o arquitecto Raul Lino, in, **Diário de Lisboa**, 15 de Dezembro de 1933, p.3.

VITERBO, Sousa – **Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988.